



Recebido em:  
20/07/2017  
Aprovado em:  
20/07/2017  
Editor Respo.: Veleida  
Anahi  
Bernard Charlort  
Método de Avaliação:  
Double Blind Review  
E-ISSN:1982-3657  
Doi:

## EDUCAÇÃO BRASILEIRA E EDUCAÇÃO DOS SURDOS: DUAS EDUCAÇÃOES NO SÉCULO XIX (1855 – 1900)

POLYANA LACERDA SANTOS  
RITA DE CÁCIA SANTOS SOUZA

EIXO: 4. EDUCAÇÃO E INCLUSÃO

### RESUMO

Este artigo aborda o processo histórico da educação dos surdos em meados do século XIX, com o objetivo de traçar um caminho, criando pontes, acerca de como se desenvolvia a educação brasileira e dos surdos no século XIX, tendo em vista que a historiografia ainda é “silenciosa” nesse aspecto. A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico, com discussões a partir de livros, dissertações e artigos pertinentes à produção historiográfica sobre a história da educação dos surdos. Compreende-se que o processo histórico educacional do surdo é marcado por lutas daqueles que acreditavam na capacidade dos surdos além de sua limitação, a surdez, enfrentando o preconceito de uma sociedade que acreditava na incapacidade intelectual do surdo, apresentando para a sociedade a realidade educacional do surdo e os trabalhos desenvolvidos por aqueles que enxergavam primeiro a pessoa e não sua limitação auditiva.

**Palavras-chave:** Educação dos Surdos. História da educação. Instituto Imperial dos Surdos-Mudos.

### ABSTRACT

This article deals with the historical process of the education of the deaf in the middle of the nineteenth century, with the aim of establishing a bridging path, about the development of Brazilian education and the deaf in the 19th century, given that historiography is still "Silent" in this regard. The methodology used is of bibliographic character, with discussions based on books, dissertations and articles pertinent to the historiographic production on the history of the education of the deaf. It is understood that the historical educational process of the deaf is marked by struggles of those who believed in the capacity of deaf people beyond their limitation, deafness, facing the prejudice of a society that believed in the intellectual incapacity of the deaf, presenting to society the educational reality of the deaf and the works developed by those who first saw the person and not their auditory limitation.

**Keywords:** Education of the Deaf. History of education. Imperial Institute of the Deaf-Mutes.

### Introdução

A educação brasileira passou por diversas mudanças sempre em busca de melhorias tanto no quesito das práticas pedagógicas quanto na formação de professores e alunos. Em contrapartida, havia um público que não estava tão incluído nessa educação, são eles as pessoas com deficiência. Diante do exposto, neste artigo, abordaremos a realidade educacional dos surdos no século XIX, que viviam a margem da sociedade e consequentemente do

processo educacional de um modo geral. Sendo assim, o presente artigo buscou traçar um caminho acerca do processo histórico educacional brasileiro, debruçando o olhar para a educação dos surdos no século XIX.

Nesse sentido, é válido ressaltar que o olhar para a educação está atrelado ao tempo histórico, entrelaçado as discussões da época e o contexto social em que se vive. Ao fazer uma viagem no tempo e nos remeter ao século XIX, estamos falando de um período marcado por suas transformações, onde se destacam o fim da escravidão e a proclamação da República.

Souza (2014), explicita que esse contexto influenciou a concepção de educação dos surdos, proporcionando pensar em práticas que priorizassem a emancipação destes indivíduos. Em contrapartida, Souza (2012), ao apresentar as contribuições do intelectual Tavares Bastos sobre a reorganização escolar brasileira, na segunda metade do século XIX expõe a invisibilidade que os surdos tinham no projeto educacional deste influente pensador do século XIX. Tavares Bastos, lançava o olhar para o modelo norte-americano de educação, cuja influência moldou as escolas da República, porém, como fiel representante do seu contexto histórico, não denotava interesse a respeito da educação dos surdos.

De acordo com o objetivo, surgiram algumas questões que nortearam este trabalho: Como o surdo era visto socialmente no século XIX Por que a educação do surdo e a educação brasileira são apresentadas de forma independente Com tantas mudanças na educação e a existência do Instituto Imperial de Surdos-Mudos por que a educação dos surdos continuava despercebida

Para a escrita deste artigo a metodologia utilizada é de cunho bibliográfico, amparada em artigos científicos, livros e dissertações referentes a educação brasileira e dos surdos.

### **A invisibilidade dos surdos no contexto educacional brasileiro do século XIX**

Marcados por uma trajetória de exclusão, os surdos viviam a margem da sociedade enfrentando o preconceito e até a denominação de loucos, sendo assim incapazes de aprender, dignos de pena da sociedade e um fardo para os familiares que não sabiam o que fazer com o surdo que acabava incompreendido pela própria família. Como mostra Anjos (2013, p.35): “Durante vários séculos, as pessoas com deficiência viveram isoladas, à margem da sociedade. A exclusão era total, por serem considerados inválidos, sem utilidade para a sociedade e incapazes para o trabalho.”.

Além disso, no século XIX os surdos eram impedidos de usarem a linguagem corporal, vista como obscena. No imaginário social da época, o surdo não tinha discernimento para gerir sua vida e seus bens, eram taxados como incapazes e rotulados como loucos. Com a emergência dos estudos acerca da surdez, constatou-se que ela não interferia no raciocínio lógico do surdo, a partir desse momento iniciou-se lentamente o processo de instrução dos surdos (SOUZA, 2010). Nesse sentido, têm contribuído muito os estudiosos da educação especial, pois começaram a, com suas produções, dar espaço para a história daqueles que foram por séculos desconsiderados na historiografia brasileira. Os livros de história e de história da educação brasileira até o século XIX retratam muito bem essa lastimável realidade.

Sendo assim, timidamente o campo da educação especial conquistou aos poucos mínimos espaços na alta sociedade, pois, quando os filhos da alta nobreza nasciam ou eram acometidos por alguma enfermidade que ocasionava a surdez, estes não eram vistos como inválidos conforme é relatado por Merselian e Vitaliano (2009), quando destacam o trabalho com surdos do monge Ponce de Leon que instruíra os filhos surdos dos ricos na França, sendo reconhecido como primeiro professor de surdo. Séculos depois, no Brasil a educação dos surdos ainda caminhava acanhadamente, tendo como principal meio difusor o Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, na cidade do Rio de Janeiro, fundado em 26 de setembro de 1857 pelo o médico francês Ernest Huet trazido pelo Imperador Dom Pedro II para iniciar o projeto de educação dos surdos, Souza (2014).

Huet trouxe o alfabeto manual francês para o Brasil, porém:

Após a realização do Congresso Mundial de Surdos, em Milão, ainda no final do século XIX, foi proibido o uso das LIBRAS, pois se acreditava que esta impediria o desenvolvimento da fala, da leitura labial e da precisão de ideia e declarado que o método

puro (oralização) deveria ser preferido de forma definitiva e oficial. Apesar da proibição da língua de sinais, os surdos continuaram a usá-las às escondidas. (Souza, 2012, p.62)

Esse projeto iniciado pelo médico francês Huet, sofreu grandes perdas devido a problemas financeiros enfrentados pelo Instituto fazendo com que o médico se desligasse de suas funções, partindo para o México, lecionar com seu irmão que era surdo, segundo Souza (2014). Após sua partida, o projeto educacional dos surdos ficou fragilizado e quem assume a direção do Instituto Imperial é o então Dr. Manoel de Magalhães.

Até a chegada do novo Professor que estava sendo habilitado no Instituto de Surdos de Paris, o Instituto do Rio de Janeiro foi dirigido por Frei João do Monte do Carmo e por Ernesto do Prado Seixas. Em Julho de 1862, chegou ao Brasil o professor contratado Dr. Manoel de Magalhães Couto, que ficou na Direção até 1868. Ele foi exonerado pela constatação da inspeção de que não havia trabalho algum no Instituto, simplesmente um grande depósito asilar de surdos-mudos. Em seu lugar assumiu o Dr. Tobias Leite, em 1872 e ficou no cargo até 1896, ano de sua morte. (PINTO, 2006, p.12)

Vale ressaltar que essa inspeção foi realizada pelo próprio Tobias Leite, o então sucessor do Dr. Manoel. A conclusão dessa inspeção nos remota ao modo como o surdo continuava sendo visto não só pela sociedade, mas também pelas pessoas responsáveis pela sua instrução, que deveriam zelar pelos seus alunos, olhando-os além de suas limitações.

Ao assumir o cargo de diretor interino, Tobias Leite enfrentou diversos problemas com bastante otimismo e firmeza, por exemplo, apesar da grande capacidade do Instituto o número de surdos matriculados era muito abaixo do esperado tendo em vista a estrutura do prédio. O baixo número de matrículas gerava grande preocupação para o diretor, tendo em vista que vigorava ainda um grande preconceito com os surdos que levava a dois pontos delicados: a ignorância de muitos pais em acreditar que pela falta de audição o surdo não poderia alçar voos além de suas limitações e o baixo investimento no Instituto para atender os alunos, pois era conseguido com muito mais dificuldade do que os investimentos para as escolas tradicionais.

Para conseguir mais investimentos para o Instituto e torná-lo cada vez mais conhecido no Brasil, Tobias Leite adota uma estratégia bastante interessante, publicando vários livros e algumas notícias em jornais, onde divulgava os trabalhos e as disciplinas executadas, a fim de quebrar a ignorância da população acerca da capacidade de aprender dos surdos. Nesse sentido, Souza (2014) destacou algumas das publicações de Tobias Leite como: Lições de Metrologia (1875); Salvaguarda do surdo-mudo brasileiro (1876); Noções de língua portuguesa para surdos-mudos (1871); Regimento interno dos Surdos-Mudos (1877); Compêndio para o ensino de surdos-mudos (1881).

Para conseguir instruir os surdos matriculados no Instituto em algumas disciplinas citadas no final do parágrafo anterior, Tobias Leite acreditava que não bastava ser apenas professor, Souza (2014), enfatiza que Tobias Leite defendia que a educação dos surdos deveria ser feita por médicos, uma vez que durante sua formação eles estudavam anatomia e psicologia dos órgãos da fala, por esse motivo, os médicos que tivessem vocação para ensinar, estariam de fato aptos a tal função e não os professores convencionais, ou seja, não possuem formação médica.

Se para ensinar os surdos o professor deveria também ser médico, por conta dos estudos específicos sobre o corpo, logo o método de ensino deveria ser compatível as necessidades educacionais dos alunos. Por esse motivo, acredita-se que essa foi a razão para a escolha do método intuitivo para ensinar aos surdos. Azevedo (2009, p.34) acentua que "O método intuitivo apontava o trato com os sentidos como a mais eficaz via para se obter os melhores resultados em termos de aprendizagem, consistindo mesmo, aqueles como instrumento desta. "

É importante destacar que esse método surgiu na metade do século XIX, perdurando até as primeiras décadas do século XX. Visto como um elemento de renovação do ensino, era considerado pelos educadores como o mais adequado para as classes populares, mas o fato de ter sido escolhido pelo então diretor interino do Instituto, Tobias Leite, foi justamente a utilização dos sentidos de que dispunham os alunos nas práticas pedagógicas, tornando-os como o centro do processo de ensino-aprendizagem.

Faz-se necessário perceber que o método utilizado pelo Instituto Imperial dos Surdos-Mudos, foi o mesmo adotado pelos grupos escolares de Sergipe, no final do século XIX, pois atendia as necessidades de ambos na tarefa de educar e instruir, através de atividades práticas.

As operações por meio dos sentidos (ver, pegar, ouvir e cheirar) exigiam, por sua vez, observação e experimentação, o que fazia com que a aprendizagem ocorresse de forma prática, concreta, para só a partir de então se encaminhar para a abstração em um processo no qual os alunos teriam a possibilidade de pensar e criar cientificamente e não apenas apropriar-se de conhecimentos já fabricados pelos homens de outros tempos e lugares. “ (AZEVEDO, 2009, p.34)

Através dos sentidos os surdos podiam concretizar a aprendizagem, pois usavam os demais sentidos para adquirir conhecimentos em Matemática, Metrologia, Língua Portuguesa etc. Além dos Grupos Escolares, a Escola Nova utilizou também o método intuitivo, onde a criança é o centro do processo de aprendizagem. O aprofundamento da mudança a partir do método intuitivo pela Escola Nova acontecia porque:

O trabalho individual e eficiente tornava-se a base da construção do conhecimento infantil. Devia a escola, assim, oferecer situações em que o aluno, a partir da visão (observação), mas também da ação (experimentação) pudesse elaborar seu próprio saber. Aprofundava-se aqui a viragem iniciada pelo ensino intuitivo no século XIX, na organização das práticas escolares. Deslocado do “ouvir” para o “ver”, agora o ensino associava “ver” a “fazer”. (VIDAL, 2000, p.498)

Essa mudança citada por Vidal do “ouvir” para o “ver” reflete a necessidade educacional do surdo, já que a experimentação dos sentidos ganha espaço na sala de aula facilitando o processo de ensino e aprendizagem dele, uma vez que sua comunicação é visual. Ao analisar o currículo do Instituto nota-se que a disciplina que ocupa boa parte do currículo é a língua portuguesa, pois Tobias Leite se preocupava com o processo de aprendizagem e de comunicação com os alunos, que utilizavam a escrita, a oralidade forçada ao articular alguma palavra - nem todo surdo conseguia fazer essa articulação oral pois lhes causavam estranhamento - e por sinais. À vista disso mais uma vez Souza (2014, p.69), realça “Tobias Leite percebeu que o ensino da língua oral para alunos com grau de surdez severa e profunda é difícil e poucos são os progressos com relação à oralidade”. Por isso não era o aluno que deveria se adaptar ao método da escrita, oralidade ou sinais, mas sim o método deveria adaptar-se ao aluno.

### **Considerações finais**

A educação dos surdos foi para Tobias Leite uma grande preocupação que ultrapassava as portas do Instituto Imperial dos Surdos-Mudos. Souza (2014) frisa essa preocupação com a educação dos alunos, principalmente a educação feminina das alunas surdas do Instituto, pois não sabia qual seria o destino delas após concluírem os estudos, que eram referentes ao cotidiano doméstico, tendo em vista que as mulheres não tinham espaço na corte, quiçá as mulheres surdas. Enquanto os meninos que terminavam os estudos, segundo Tobias Leite, não eram capazes de dialogar utilizando as regras portuguesas de conversação.

Essa preocupação com a incerteza do futuro do aluno surdo é fruto da apresentação particular das duas educações existentes no Brasil, a dos surdos e brasileira (dos ouvintes).

Essa compreensão é justificada por alguns fatores, respaldados à época, como a audição ser condição primordial para que a pessoa pudesse aprender e a ignorância da população acerca da visão social para com os surdos e investimentos nesse campo não serem considerados prioritários, mas um luxo. Souza (2014, p.71-72) narra de forma veemente que: “Foram acontecendo reformas, em busca de um método de ensino mais adequado para ampliar o nível de alfabetização dos brasileiros. No entanto, a educação dos considerados deficientes não fez parte dos vários programas traçados. ”.

A história da educação dos surdos mostra que durante boa parte do século XIX e do século XX a educação das pessoas com alguma necessidade especial, no caso desse estudo dos surdos, ficou despercebida por boa parte das pessoas que pensavam as mudanças educacionais, da sociedade e do próprio surdo que não acreditava que pudesse de fato ser instruído. Strobel (2008, p.42) descreve que “A presença do povo surdo é tão antiga quanto à humanidade. Sempre existiram surdos. O que acontece, porém, é que nos diferentes momentos históricos nem sempre eles foram respeitados em suas diferenças ou mesmo reconhecidos como seres humanos. ”. Podemos concluir que toda conquista começa com um primeiro passo e assim foi a história dos surdos, marcada inicialmente pela intolerância e exclusão do mundo, e posteriormente, conquistando espaços antes impensáveis de alcançar, quebrando “paradigmas de aço”, corroendo-o pouco a pouco.

A história estuda processos, privilegia registrar a mudança e traz lições para o cotidiano. Assim, as lutas, os passos para procedimentos de relações de poder e negociações se tornam possíveis. Os historiadores surdos, bem como historia-dores ouvintes mudaram, mudaram as percepções, as análises, os problemas, os focos. Não mais é o corpo dominado no passado, mas as motivações criadoras acontecidas, produtoras de novas narrativas, novos achados, novos focos. (PERLIN & STROBEL, 2014, p.23)

Diante disto, notamos o trabalho do historiador e do pesquisador que busca nos processos históricos compreender as relações, situações, derrotas e conquistas de um povo e sua cultura, vislumbrando novas representações que poderão redimensionar o futuro, como por exemplo, efetivar uma educação que seja realmente para todos.

## Referências

ANJOS, Isa Regina Santos dos; Deficiência intelectual, inclusão escolar e ensino médio: algumas reflexões. In: FERRETE, A. A. S. S. Alilma; FERRETE, R. B.; SOUZA, V. R. M. (Org.). **A inclusão escolar da pessoa com deficiência**. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930)**. Cultura escolar, civilização e escolarização da infância. Natal: EDUFERN, 2009

MESERLIAN, Kátia Tavares e VITALIANO, Célia Regina. **Análise sobre a trajetória histórica da educação de surdos**. IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE). III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. PUCPR. 2009. p. 3736-3750.

PERLIN, Gladis e STROBEL, Karin. **História cultural dos surdos: desafio contemporâneo**. In: **Educar em Revista**. Ed. Especial, n.2. 2014. Editora: UFPR. P.17-31.

PINTO, Fernanda Bouth. O silencioso despertar do mundo surdo brasileiro. In: **Revista de História e Estudos Culturais**. v. 3, ano III, n.2, abril/maio/junho. 2006. 14p. ISSN: 1807-6971.

SOUZA, Josefa Eliana. **O programa de instrução pública de Tavares Bastos (1861-1873): concepções a partir do modelo norte-americano**. São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

SOUZA, Vêronica dos Reis Mariano. **Gênese da educação dos surdos em Aracaju**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **Tobias Leite: educação dos surdos no século XIX**. São Cristóvão: Editora UFS, 2014. 94.

SOUZA, Rita de Cácia Santos. **Educação especial em Sergipe do século XIX ao início do século XX**: cuidar e educar para civilizar. São Cristóvão: Editora: UFS, 2012, p.230.

STROBEL, Karin. **Surdos**: Vestígios culturais não registrados na história. Doutorado em Educação (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008, p.176.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e o Processo Educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica, 2000. P.497-517.